



Rita Pereira Marques, 1999

ÉTICA DO CUIDADO, DEMOCRACIA E SUAS AMEAÇAS

SÍNTESE

“(...) uma sociedade democrática é “madura”, quer dizer, (...) apresenta uma qualidade que é aliada à maturidade individual que caracteriza seus membros saudáveis”

Winnicott, 1950

Rita Pereira Marques

*“O destino não é uma aparição,
é uma coisa que avança.
O tempo não deixa cair nada. (...)”*

G. M. Tavares, 2003

É o fogo que a faz: à democracia.

G. M. Tavares, 2003

*“Pode-se dizer de uma democracia de verdade (como o termo é usado hoje):
Nesta sociedade, neste momento, há maturidade suficiente
no desenvolvimento emocional de urna uma proporção suficiente
de indivíduos que a compõem,
a ponto de existir uma tendência inata em direção
à criação, à recriação e à manutenção da máquina democrática.”*

Winnicott, 1950

ÉTICA DO CUIDADO, DEMOCRACIA, E SUAS AMEAÇAS

“(...) apenas uma parte dos indivíduos num grupo social vai ter a sorte de se desenvolver até à maturidade (...)”

Winnicott, 1950

Esta pequena reflexão tem como ponto de partida uma preocupação individual sustentada na observação de que parece estar a verificar-se, em múltiplas sociedades contemporâneas de tradição democrática, e em múltiplos grupos sociais atuais, uma tendência e viragem para regimes de cariz totalitários ou regimes marcadamente ditatoriais.

O que se está a passar para que sociedades democráticas escolham voluntariamente abdicar de um sistema de governo no qual o poder do Estado é investido no povo ou na sua população em geral, onde os governantes são eleitos através de eleições justas e onde se propõem garantir liberdades civis e direitos humanos?

O que move cidadãos a abdicar da sua liberdade de pensamento e de escolha para seguirem um único líder, elegerem de livre vontade um clã como representante totalitário de uma única voz, ou indo um pouco mais longe, escolherem uma única possibilidade de Ser?

O que leva uma maioria de indivíduos a abdicar voluntariamente da sua liberdade e dos seus próximos propondo-se à vivência conservadora, repetitiva, estagnada, limitada e pior, à vivência de um regime e de grupos onde se recusa qualquer possibilidade de identidades diversas e múltiplas, mas antes aceita-se apenas uma única e dependente identidade face a um único líder.?

Possuirão as sociedades democráticas, no seu “esqueleto”, o gérmen dos sistemas ditatoriais? Se assim for, será só pela saúde e maturidade individual que surge o garante da sociedade democrática estancando a extensão do “maldito” gérmen?

“ Os homens quiseram introduzir na natureza coisas inventadas pelos fracos: foram os fracos que inventaram a injustiça para mais tarde poderem inventar compaixão.

Nem a água dócil percebe o que é isso de injustiça. Queres ser mais bondoso do que uma substância química que se escreve tão simplesmente como isto: H₂O? Não sejas imbecil. Olha para os tanques: dispara com eles, ou contra eles. A vida em guerra só tem dois sentidos: com eles ou contra eles. Se não queres morrer beija as botas do mais forte, é isto”

G.M. Tavares, Um Homem: Klaus Klump, 2011

Estará a Democracia a criar paulatinamente a sua própria destruição?

Partiremos da premissa winnicottiana de que a teoria de amadurecimento pessoal comporta também uma teoria de amadurecimento social e que associado ao cuidado presente no processo de amadurecimento estará “a origem do desenvolvimento da capacidade para o senso ético do indivíduo humano” (Garcia, 2011). Seria deste senso ético do cuidado que surgiriam os pilares fundamentais da constituição e preservação da sociedade democrática.

Significa isto que assegurar a saúde maturacional de cada indivíduo seria preservar o estado de saúde social de cada país, considerando de que a democracia é definida como “a sociedade bem ajustada aos seus membros sadios” (Winnicott, 1950)

Assim, na linha de Roseana Moraes Garcia, procuraremos refletir não só sobre a ética do cuidado como pilar da construção e preservação de uma sociedade democrática mas também como a saúde social e o seu adoecer retratam (eventualmente) a saúde e o adoecer individual.

Dito de um modo mais simplista, procuraremos pensar sobre a relação entre a existência de uma ética do cuidado e sua implicação no garante democrático mas também sobre as ameaças à democracia como sinónimo de imaturidade e adoecer individual.

Ao longo desta reflexão esperamos apontar alguns dos fatores contemporâneos que nos parecem estar a favorecer o adoecer individual e, portanto, social.

A perspectiva winnicottiana considera que a criação e desenvolvimento de um ser individual saudável e maduro partiria da possibilidade do acesso ao cuidado “tanto o

cuidado inicial que todo bebê humano necessita para poder amadurecer como o cuidado que em um determinado estágio de amadurecimento o bebê começa a ter em relação à pessoa que cuida dele (...)” (Garcia, 2011).

Seria, então possível a construção de um sentido ético do indivíduo humano.

Significa assim que, para Winnicott, a ética do cuidado encontrar-se-ia associada à possibilidade de saúde e de seres humanos maduros mas também ao desenvolvimento de indivíduos mobilizados para a construção de grupos maduros e, portanto, democráticos. É porque foi possível para o indivíduo maduro “integrar a destrutividade, inerente à natureza humana” (Garcia, 2011), aceder à culpa e possibilidade de reparação decorrente do ciclo benigno da destruição – reparação que se constitui a “matéria prima para a construtividade”, para o concernimento. Seria este o pano de fundo necessário para o surgimento de um futuro adulto que participaria na criação de grupos sociais saudáveis e maduros e, portanto, regimes políticos democráticos representativos da maturação individual e social.

Assim, uma determinada proporção de indivíduos maduros, concernidos e saudáveis surgiriam como os guardiões da tendência democrática inata e os garantes da máquina democrática.

Na perspectiva de Winnicott a democracia implicaria a “manutenção, dentro da sociedade, da possibilidade de seus membros elegerem e se livrarem de seus governantes, por meio de voto livre e secreto”. (Winnicott, 1950). Existiria então, nos indivíduos saudáveis e nos grupos democráticos uma ação assumida (como o voto) da sua total responsabilidade. O voto amadurecido seria um voto numa pessoa vista como pessoa total e não o voto num partido ou numa tendência grupal.

Nesta linha de pensamento preservar o amadurecimento individual ótimo seria preservar o amadurecimento social e a existência de grupos maduros nas escolhas políticas realizadas.

Mas o que se significa quando, numa sociedade ou num grupo democráticos, se assiste a uma viragem para um regime conservador e/ou ditatorial? Como entender que a preservação da máquina democrática seja posta em risco pelos próprios indivíduos a compõem?

Winnicott considera que “a tendência democrática inata em uma sociedade só pode ser proporcionada e mantida por um número suficiente de indivíduos saudáveis” (Garcia, 2011).

Quando verificamos uma viragem para regimes totalitários com a escolha de um líder de cariz ditatorial dentro da democracia significaria que teria existido uma perturbação na ética do cuidado exercida no crescimento maturacional individual e que daí adviria um maior número de indivíduos imaturos?

Se, por um lado, Winnicott apresenta como ato de um indivíduo saudável, maduro numa democracia a possibilidade de, através do voto, assumir a responsabilidade não só da eleição mas também da eliminação do líder, por outro refere que, seria porque existe essa possibilidade que se abre também a porta à tendência à guerra, às revoluções ou à ditadura. Considera mesmo que “a emergência, dentro de uma determinada sociedade, da necessidade de um líder para obedecer quase cegamente como aconteceu no nacional-socialismo alemão, está calcada, pelo menos em parte, na falta de amadurecimento dos indivíduos que compõem essa sociedade” (Garcia, 2011)

Cyrunilk (2022) fala-nos da necessidade de pertença a um grupo fechado como uma tendência à procura de coerência estagnada, códigos conhecidos, de uma língua e ambientes maternos. Seria uma espécie de extensão e permanência da onipotência e cuidados primordiais maternos onde não estaria contemplada, diria eu, a figura do pai. Numa perspetiva maturacional isto significaria que as estruturas ditatoriais seriam uma espécie de repetição da vivência da onipotência da dependência absoluta sem possibilidade de acesso à dependência relativa e à conquista do concernimento ou do acesso à possibilidade da diversidade que começa a ser anunciado pela presença da figura paterna.

Parece-nos que considerar apenas como fator decorrente dos regimes ditatoriais a existência de um maior predomínio de indivíduos imaturos poderá ser uma visão simplista de uma questão multifactorial e tão complexa como esta.

E seria também partir do pressuposto de que os indivíduos maduros se mantêm estáveis no seu processo de amadurecimento ao longo da vida e para além das alterações contextuais. Ora sabemos bem, e o próprio Winnicott indica, que as tarefas maturacionais não são aquisições estanques e que, por múltiplos fatores, pode verificar-se regressões a estados maturacionais anteriores.

No seu texto “Algumas Considerações sobre o significado da palavra Democracia” Winnicott aponta uma direção neste sentido quando refere que “alguns dos indivíduos saudáveis em tempos de paz tornam-se anti-sociais aquando da guerra (opositores de consciência), não por cobardia, mas por genuína dúvida pessoal: do mesmo modo, os anti-sociais do tempo de paz enchem-se de coragem quando da guerra. Quando uma sociedade democrática entra em guerra (...) é o grupo inteiro que vai à luta; seria muito difícil identificar um caso de guerra conduzida pelos mesmos indivíduos que, na paz, constituem o fator democrático inato da comunidade” (Winnicott, 1950).

E se considerássemos a hipótese de que a viragem dos regimes democráticos em regimes ditatoriais poderia advir exatamente dos mesmos indivíduos que, num determinado momento histórico, foram suficientemente maduros para a eleição de um líder que preserva os valores democráticos e noutra altura, sujeitos a um processo de regressão maturacional, permitiram e promoveram a viragem desse mesmo regime para um regime ditatorial? Estariam os indivíduos maduros sujeitos a fatores sociais e contextuais suficientemente fortes que os levam a processos regressivos provocando uma alteração na escolha, por exemplo, de um líder?

Numa crónica escrita no Expresso a 19 de Janeiro de 2024 por Clara Ferreira Alves intitulada A Atração do Homem-Forte, a cronista afirma “ O homem é um animal que gosta de combate, de contradição e gosta muito da supremacia da força. Instintivamente as vítimas são rechaçadas a favor da teoria do homem-forte. E tal como na vida, na política a atração do homem-forte é dominante e regressa, com a força toda, após períodos de exaltação da fraqueza ou da moderação”. Mais à frente continua afirmando “ o homem-forte só conhece um antagonista, outro homem-forte. E só conhece uma linguagem, a da força. Tudo o resto é capitulação. Com o tempo, muitas dessas vítimas, fartas dos defensores, virão comer-lhe à mão. (...) os homens fortes proliferam e controlarão o mundo. Dos fracos não reza a história. (...) A primeira apreciação que fazemos de um chefe é esta. Forte ou Fraco?”

Será caso que, o indivíduo maduro, pode regredir no seu processo maturacional quando vê o exercício ou acede a um lugar de poder? Não resiste ao fascínio do poder? Quer pelo exercício, quer pela associação ao líder “forte”? Construirá o indivíduo maduro a sua própria contradição não querendo, no plano da consciência e da realidade, a figura do ditador, mas não abdicando, em simultâneo, ao nível subjetivo da força e da onipotência do líder poderoso?

Esta parece-nos uma reflexão de extrema importância nos dias que correm pois, se é verdade que “Dos fracos não reza a história” (Alves, 2024), também sabemos que serão inscritos na história estes tempos sombrios onde, em plenas democracias, governam líderes ditadores responsáveis diariamente e continuamente pelas violações de direitos humanos, perdas de vidas humanas e massacres de povos em massa. Se esta é a inscrição a ficar na história que, pelo menos, possa ser acompanhada pela tentativa de indignação face a esta Democracia Ditatorial.

“ A democracia instala-se no país como uma borracha que se vai derretendo lentamente até preencher por completo a superfície de um compartimento. Mas a democracia é a instalação da covardia mútua, e tal sistema não parte nunca de uma vontade forte, de uma intenção original; pelo contrário: é consequência de uma matéria que derreteu. Não é um sistema político de material primário. É o fogo que a faz: à democracia. É o excesso de calor, o calor já não suportável que impõe a trégua da calma. E será depois o frio prolongado a reatar de novo a matéria principal, a Força primeira. A democracia é um efeito da perda de Força de um conjunto de homens. É um ganho de fraqueza global.

Era Leo Vast que assim pensava naquele instante. A borracha derreteu-se, murmurava ele. Derreteram a matéria forte e agora temos os pés instalados em esponja.

Não sabemos o que vai acontecer.”

G. M. Tavares, 2003

BIBLIOGRAFIA

Alves, C. F. A Atração do Homem- Forte . Crónica Pluma Caprichosa. Jornal O Expresso. 19 Janeiro 2024

Cyrułnik, B. (2022). Le Laboureur et les mangeurs de vent. Liberté intérieure e confortable servitude. Odile Jacob

Garcia, R.M. 2011. A Ética do Cuidado e a sociedade democrática. *Winnicott e-prints* [online]. 2011, vol.6, n.1, pp.79-87. ISSN 1679-432X.

Tavares, G. M. 2003. Um Homem : Klaus Klump. Editorial Caminho

Winnicott, D. W. 1950. “Algumas Considerações sobre o significado da palavra Democracia” in Winnicott 2001 *A Família e o Desenvolvimento Individual* (2.ª ed.). São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora.

Winnicott, D. W. (1971). O conceito de indivíduo saudável. In D. Winnicott (1989/1986b), *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes.